

HOBBS CONTRA AS AUTORIDADES LIVRESCAS

HOBBS AGAINST THE BOOKISH'S AUTHORITIES

Willam Gerson de Freitas*
willam.gerson@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo pretende mostrar a oposição de Hobbes à obediência irrefletida dos escolásticos aos escritos antigos. Sob influência de pensadores como Bacon e Galileu, Hobbes critica as autoridades livrescas e defende o método geométrico, único, segundo ele, capaz de assegurar o correto raciocínio. Em seu combate ao monopólio ideológico das universidades de sua época, Hobbes apresenta uma visão tipicamente moderna de homem: aquele que, de maneira autônoma, baseado na observação e na demonstração, chega à compreensão e transformação de sua realidade.

Palavras-chave: Hobbes, ciência moderna, método geométrico, filosofia moderna, natureza humana.

Abstract: This article is intended to show that Hobbes elaborated a typically modern view of human beings as those who understand and transform the world. Influenced by Bacon and Galileu, Hobbes criticised the type of bookish approach to reality he judged to be present in scolasticism.

Key-words: Hobbes, modern science, geometric method, modern philosophy, human nature.

Introdução

As críticas feitas por Thomas Hobbes às “Escolas da Cristandade” refletem o clima de insatisfação não só dele, mas de seus

contemporâneos também, no que diz respeito ao ensino e à forma de ver o mundo mantida pelos defensores da tradição. Lutero é um dos que já haviam denunciado a formação proporcionada pelas universidades, espaço onde estudantes religiosos eram expostos “aos falsos princípios morais e políticos do cego mestre pagão Aristóteles”.¹ A obediência irrefletida às autoridades livrescas começou a ser vista pelos modernos como fonte de absurdos e de erros extremamente nocivos para o avanço do pensamento. Em uma sociedade efervescente de novas descobertas científicas, cada vez mais se defendia a autonomia alcançada pelo método e pela experiência, em detrimento das verdades absolutas tradicionais.

Por essa razão pode-se encontrar no *Leviathan* elementos da passagem de uma consciência antiga e medieval, mais “externa”, dependente das autoridades, para uma consciência moderna, mais autônoma e individual, mais “interna”, em que o autor se enxerga como capaz de decifrar os fenômenos naturais e dar-lhes uma utilização prática com base em seu próprio esforço racional, sem invocar autoridades eclesiásticas ou antigas. Em Hobbes, se evidencia claramente a visão de si que o homem passa a ter na modernidade, o qual rejeita a submissão a uma hierarquia ideológica e arvora-se capaz de, por si mesmo, traçar seu próprio rumo no intuito de chegar à verdade.

Para atingir tal propósito, é necessário utilizar um método que assegure precisão e certeza, pois a falta deste é, para Hobbes, “a primeira causa das conclusões absurdas”.² Ao entrar em contato, em suas viagens internacionais, com alguns dos maiores cientistas de seu tempo, o filósofo inglês passou a acreditar que tal método somente poderia ser encontrado no procedimento rigorosamente demonstrativo da geometria.³ Deixar de raciocinar seguindo o método geométrico conduz os homens à “ignorância das causas, obri-

¹ Skinner, Q. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, p. 298.

² Hobbes, T. *Leviathan*, V, p. 33.

³ Bobbio, N. *Thomas Hobbes*. p. 28

* Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará.

gando-os a confiar na opinião e autoridade alheia”.⁴ No entanto, pior que ignorar as causas e as regras é confiar em falsas causas e falsas regras, baseando-se na opinião de outrem ao invés de se fiar em sua própria opinião.⁵

Pensando dessa forma, Hobbes poderia muito bem evocar o ditado iídiche que diz que “um relógio que parou é melhor que um relógio com defeito que atrase ou adiante, isto porque um relógio parado pelo menos mostra a hora certa duas vezes ao dia.”⁶ É melhor estar na ignorância (relógio parado) do que confiar nos livros das autoridades (relógio com defeito), pois “entre a verdadeira ciência e as doutrinas errôneas situa-se a ignorância”.⁷ A confiança nos autores tradicionais pode levar as pessoas a sofrer de certas predisposições e certos pré-conceitos, levando-as a condicionar erroneamente a própria maneira de ver, ouvir e entender o mundo ao redor, principalmente podendo incitar a desordem e a guerra civil.

Nesse ponto, Hobbes se aproxima da postura socrática de apontar a necessidade do cuidado com a “vida interior”. O famoso dito atribuído a Sócrates “Só sei que nada sei” é, na verdade, a constatação de que se deve reconhecer a própria ignorância como passo inicial para a busca interior da verdade, uma atitude bem diferente dos sofistas, que muito falavam e pouco sabiam. A admissão da ignorância sobre si mesmo e sobre as coisas que se julga conhecer torna-se “douta ignorância”, isto é, primeiro passo para a aquisição da verdadeira ciência.⁸ Para admitir a própria ignorância⁹ é necessário

⁴ Hobbes, T. *Leviathan*, XI, p. 66

⁵ Idem, V, p. 35; XI, p. 67

⁶ Bonder, N. *O segredo judaico de resolução de problemas*. p. 36

⁷ Hobbes, T. *Leviathan*, IV, p. 27

⁸ A curiosidade como condutora do homem ao reconhecimento da ignorância e à busca de respostas é levada em conta por Hobbes na obra *A natureza humana*. Enquanto apetite de conhecimento, a curiosidade é a paixão que, juntamente com a admiração, permite ao homem diferenci-

realizar o processo de “conhecer a si mesmo” (*gnôthi sautón*)¹⁰. Já na introdução do *Leviathan* o filósofo inglês chamará atenção para o ditado *Nosce te ipsum* – Lê-te a ti mesmo – para mostrar que a sabedoria não se adquire dos livros, mas sim em um processo de auto-conhecimento, e aponta, ainda, como prova de sua doutrina a introspecção, na qual seu leitor deve em si mesmo ler todo o gênero humano.

Recorrer à defesa de um processo introspectivo indica, em primeiro lugar, que Hobbes defende a autonomia do homem na busca do conhecimento, através de sua interioridade. Não há necessidade de aceitar de outrem a explicação da realidade. Em segundo lugar, que o indivíduo pode metodicamente chegar à verdade sem recorrer a escritos alheios, simplesmente por serem de autoridades reconhecidas e acolhidas socialmente, visto que tal atitude pode levar a confiar em verdades enganosas que ele mesmo não conhece.¹¹ E, em terceiro lugar, que acreditar em terceiros sem checar a veracidade do que se diz é perigoso, pois se pode cair em armadilhas e acabar sendo manipulado. Hobbes assevera, inclusive, que a introspecção constitui a a demonstração de sua doutrina porque ele está convicto que o homem possui não somente a capacidade, mas também a necessidade de ler a si mesmo. Na perspectiva hobbesiana, ao lerem a si mesmos os homens chegariam, se seguissem

ar-se dos animais e supor as causas de todas as coisas. Para mais detalhes ver: Hobbes. *A natureza humana*. Cap. 9, § 18.

⁹ Hobbes acrescenta uma característica fundamental que deve estar atrelada à ignorância: a malícia, enquanto capacidade de perceber possíveis enganos. A ausência de malícia pode “levar os homens tanto a acreditar em mentiras como a dizê-las; e por vezes também a inventá-las” (Hobbes, T. *Leviathan*, XI, p. 68)

¹⁰ A esse respeito ver: Platão. *Apologia de Sócrates*; Vaz, H.C.L. *Antropologia filosófica I*, p. 86; Skinner, Q. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, p. 402-406.

¹¹ Hobbes, T. *Leviathan*, XI, p.67; Dessa forma, há o perigo da *ratio* ser apenas *oratio*, como Hobbes observa em *A natureza humana* (cap. 5, § 14).

o correto método, nas mesmas conclusões a que ele (Hobbes) chegou.¹²

I Abusos da linguagem

Um dos cientistas que exerceram influência sobre Hobbes, como observa Landry, foi Francis Bacon, para quem a verdade não está oculta nos velhos livros, mas é encontrada na experiência, em seu estudo minucioso e metódico. No entanto, o autor do *Leviathan* irá discordar veementemente da eloquência baconiana.¹³ A busca da certeza demonstrativa é, como observa Skinner, uma reação hobbesiana aos modos de argumentação característicos da cultura retórica do humanismo renascentista.¹⁴ Os oradores poderosos, detentores da eloquência, despertam e mobilizam as mais diversas paixões dos ouvintes, podendo incitar disputas e levar à sedição. Para exercerem influência sobre as pessoas, os eloquentes utilizam diversos artifícios, como as metáforas. Diz Hobbes que querer “usar as palavras de maneira metafórica”, dando-as um sentido diverso daquele que deve ser atribuído a elas, é um abuso da linguagem que pode ser usado para enganar os outros.¹⁵

¹² A defesa da introspecção permite que se pense que o caminho para a busca da verdade em Hobbes deve originar-se exclusivamente no interior do próprio homem. Tal pensamento reforça a linha interpretativa de Leo Strauss, para quem a concepção hobbesiana de homem estava presente em sua mente antes mesmo que ele estivesse familiarizado com a ciência moderna. Não nos cabe aqui pormenorizar tal questão, visto que nosso objetivo é tão somente mostrar a rejeição hobbesiana da busca pela verdade através da consulta às autoridades. Para maiores aprofundamentos a esse respeito ver Strauss, L. *The political philosophy of Hobbes*.

¹³ Landry, B. *Hobbes*, p. 44-47.

¹⁴ Skinner, Q. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, p. 402-406.

¹⁵ Hobbes, T. *Leviathan*, IV, p. 25.

Hobbes foi um pensador profundamente preocupado com o perigo da retórica e das pregações sediciosas em religião. Como mostra Renato Janine Ribeiro em *A marca do Leviatã*, os pregadores ingleses desempenhavam intensas atividades antes e durante a guerra civil inglesa, o que fez Hobbes ver em suas ações muitas das causas da desordem que assolava sua sociedade. Para Ribeiro, é nesse contexto que tem “cabimento a empreitada exegética das Escrituras, a que Hobbes consagra bom terço de suas obras, refusingo papistas, presbiterianos e independentes”.¹⁶

Para Hobbes, o ser humano não precisa da retórica para atingir a sabedoria. Sua própria razão é suficiente para alcançar a verdade, pois através dela cada indivíduo é capaz de produzir conclusões que vão além da controvérsia ou da dúvida. Por isso afirma que a razão é “o passo, o aumento da ciência, o caminho e o benefício da humanidade o fim” contrapondo a esta as metáforas e demais formas retóricas de se expressar, visto que utilizam “palavras ambíguas e destituídas de sentido” levando os indivíduos a “perambular entre inúmeros absurdos” até culminar em disputas e desobediência civil.¹⁷

Entretanto, Skinner mostra que há uma mudança na postura de Hobbes quanto à retórica no decorrer de suas obras. A razão, na ausência da eloquência, pode adquirir pouco sucesso na persuasão acerca da verdade. Para que a verdade prevaleça, as conclusões científicas devem vir acompanhadas das poderosas técnicas persuasivas associadas à arte da retórica.¹⁸ O temor de Hobbes está no fato de que as demonstrações mais evidentes da ciência podem não

¹⁶ Essa preocupação do filósofo inglês levou-o a elaborar a distinção lingüística entre *marca* e *signo*, responsáveis pela produção e circulação de conhecimentos, com o intuito de evitar a desordem provocada pelos discursos incentivadores da rebelião. A esse respeito ver Ribeiro, R. J. *A marca do Leviatã*, p. 23.

¹⁷ Hobbes, T. *Leviathan*, V, p. 35; Ver Skinner, Q. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, p. 378; p. 404.

¹⁸ Skinner, Q. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, p. 503.

conseguir convencer e serem recusadas por contrariar o interesse dos homens. Isso porque “o objeto próprio da vontade de todo homem é sempre algum benefício para si mesmo”.¹⁹ A descoberta hobbessiana fundamental, como diz Skinner, é que os interesses contaminam as crenças.²⁰ Quando os interesses e a razão entram em choque, até mesmo as verdades mais palpáveis da razão podem ser questionadas, podendo ocorrer inclusive o absurdo de, como escreve Hobbes, se queimarem todos os livros de geometria.²¹

II O privilégio do absurdo

Galileu Galilei (1564-1642), a quem Hobbes visitou em 1636, também influenciou decisivamente seu pensamento. Em carta à grã-duquesa Cristina de Lorena, o cientista italiano apresenta sua rejeição aos professores das “escolas de filósofos”, mais apegados a suas próprias opiniões do que à verdade. Ele afirma que estes rejeitam a verdade por amor ao erro, e quando não podem negar as descobertas científicas, procuram encobri-las com um silêncio contínuo. Ptolomaicos e aristotélicos partiam, inclusive, para ofensas pessoais, além de tentarem confirmar seus discursos falaciosos através da interpretação fingida das Sagradas Escrituras.²²

Para Galileu, quando se discute os problemas concernentes à Natureza, “não se deveria começar com a autoridade de passagens das Escrituras”, mas sim “com as experiências sensíveis e com as demonstrações necessárias”.²³ Ressalta, porém, que isso não significa que não se deve ter qualquer consideração pela Bíblia. Ao se chegar a conclusões, acerca da Natureza através do método e da expe-

¹⁹ Hobbes, T. *Leviathan*, XXV, p. 159.

²⁰ Skinner, Q. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*, p. 464.

²¹ Hobbes, T. *Leviathan*, XI, p. 67.

²² Galileu, G. *Ciência e fé*, p. 43; Galileu, G. *O Ensaíador*, p. 40.

²³ Galileu, G. *Ciência e fé*, p. 50.

riência, deve-se utilizá-las para uma verdadeira exposição das Escrituras e para “a investigação dos sentidos que nelas estão necessariamente contidos”. Afinal, a verdade bíblica, por ser perfeita, é totalmente concorde com as verdades demonstradas.²⁴ Hobbes confirma essa tese galileana ao dizer que “embora haja na palavra de Deus muitas coisas que estão acima da razão natural, não há nessas palavras nada contrário a ela.” E complementa, dizendo que “quando assim parece ser a culpa é da nossa inábil interpretação ou de nosso incorreto raciocínio.”²⁵

Desde cedo Galileu não encontrou satisfação no estudo de medicina, provavelmente devido ao seu gosto pela observação e pelo rigor do raciocínio. A medicina do século XVI era ensinada na base da autoridade de textos tornados clássicos e não na observação do corpo humano. Rovighi cita o episódio no qual Galileu faz Sagredo contar no *Diálogo dos maiores sistemas* que um filósofo peripatético, “diante de uma dissecação anatômica que mostra como os mesmos [os pensamentos] derivam do cérebro e não do coração, se recusa a aceitar o dado evidentíssimo da experiência em nome da autoridade de Aristóteles”.²⁶ Galileu prefere o método no qual as conclusões dependem das premissas e nunca se supõe como verdadeiras as coisas ainda a ser demonstradas. Quem é cego, diz Galileu, é melhor que fique em casa, mas quem tem os olhos no rosto e na mente deve utilizá-los como guia, embora sejam poucos os que assim agem.

Para defender a autoridade dos escritos de Aristóteles alguns destacavam sua grande aceitação nas “Escolas da cristandade”.

²⁴ Ao defender, p. ex., a compatibilidade do sistema copernicano com o texto bíblico, Galileu considera que a verdade científica deve servir de guia para a interpretação das Escrituras. Galileu, G. *Ciência e fé*, p. 50; Nascimento, C. A. R. A carta de Galileu à Grã-Duquesa Cristina de Lorena, p. 325.

²⁵ Hobbes, T. *Leviathan*, XXXII, p. 225.

²⁶ Rovighi, S. V. *História da Filosofia Moderna*, p. 34.

Sobre isso Galileu afirma n' *O Ensaíador* que não se deve julgar a importância e a veracidade de uma teoria em filosofia pelo número de seguidores. Mas também pondera ao dizer que não pensa que as doutrinas com poucos seguidores sejam perfeitas, pois pode muito bem alguém “considerar certas opiniões tão erradas que sejam recusadas por todos os outros.”²⁷ Para o cientista italiano, a quantidade de seguidores é irrelevante, pois a confirmação de qualquer tese ou descoberta não pode ser outra a não ser a observação e a demonstração.

Seguindo o modo de pensar de Galileu, Hobbes afirma que os “que acreditam nos livros procedem como aqueles que somam muitas pequenas somas numa maior, sem atentarem se essas pequenas somas foram ou não corretamente somadas”.²⁸ Ou seja, enquanto os homens buscarem nos livros o apoio para desenvolverem seus pensamentos acabarão por chegar sempre a conclusões errôneas, visto que partiram de idéias já existentes sem observar se não estariam erradas. Por essa razão os professores de filosofia são os mais propensos ao que ele chama de “privilégio do absurdo”, que consiste em não raciocinar através de definições, tal qual no método geométrico.²⁹ O muito estudo pode proporcionar, ao invés de um saber mais correto e exato, o fortalecimento e a confirmação de sentenças errôneas, e a consequência disso é que “quando se constrói sobre falsos fundamentos quanto mais se constrói maior é a ruína”.³⁰

²⁷ Galileu, G. *O Ensaíador*, p. 55.

²⁸ Hobbes, T. *Leviathan*, IV, p. 27.

²⁹ Idem, V, p. 33.

³⁰ Idem, XXVI, p. 168. Hobbes afirma, também, que uma das condições para um bom conselho dado à pessoa representativa do Estado é que este não deve provir de inferências tiradas das autoridades dos livros ou dos discursos metafóricos (ver *Leviathan*, XXV, p. 162).

III Estranhas e bárbaras palavras

Hobbes mostra-se enérgico e intransigente em suas críticas aos escolásticos, desde a primeira parte do *Leviathan*, onde fala dos discursos sem sentido, até a quarta parte, toda ela dedicada à instituição religiosa tal como a Igreja Católica a constituiu, enquanto aparelho de poder que ameaça o soberano. Afirma que “os escritos dos escolásticos nada mais são, em sua maioria, do que torrentes insignificantes de estranhas e bárbaras palavras”.³¹ Os novos e velhos escolásticos formam, como diz Bobbio, “a segunda e povoadíssima fileira de adversários” de Hobbes, pois são eles que “fundam suas teorias não na razão e na experiência, mas na autoridade dos antigos”, e não de forma crítica, mas por inércia ou para agradar os poderosos. Seu saber é meramente livresco.³²

Para o filósofo de Malmesbury, a deturpação das Escrituras, a crença em milagres e tradições, bem como o que ele chama de “certos encantos compostos de metafísica” – referindo-se aos textos de Aristóteles – tiram dos jovens o uso da razão, deixando-os incapazes para qualquer coisa, menos para obedecer cegamente.³³ Para Hobbes, os escolásticos são os que misturam a metafísica de Aristóteles com a interpretação deturpada das Escrituras. Por não buscarem atingir primeiro o conhecimento em geometria, seus ensinamentos sobre a filosofia natural são “mais um sonho do que uma ciência”, ainda por cima divulgada em uma linguagem insignificante e desprovida de sentido.

³¹ Idem, XLVI, p. 399.

³² Na primeira fileira encontra-se Aristóteles, para quem a ética e a política não são conhecimento do certo, mas do provável e, portanto, domínio reservado não à lógica, mas à retórica. A terceira, que é também a mais perigosa e mais turbulenta fileira de inimigos da razão são os fanáticos religiosos. Estes, segundo Hobbes, eram falsos profetas que falavam pela fé, e não pela razão. Cf. Bobbio, N. *Thomas Hobbes*, p. 29-30.

³³ Hobbes, T. *Leviathan*, XLVII, p. 406.

Esse ataque aos escolásticos mostra o quanto Hobbes está empenhado em combater o monopólio ideológico das universidades. Se cada indivíduo pode por seu próprio esforço, através do método geométrico, chegar a certezas confirmadas pela razão, não há porque correr o risco de, confiando em terceiros, acabar emaranhado em falsos pensamentos e idéias enganosas. Ele chega inclusive a indagar qual a utilidade das Escolas e a perguntar qual a ciência existente nelas.³⁴ Para ele, certamente seu ensino é falho pois nada do que é adquirido nas leituras e discussões feitas em seu interior refere-se ao aprendizado da geometria, “a mãe de toda ciência natural”.³⁵ Ele classifica esse engano de loucura e pedantismo, em mais uma crítica direta aos escolásticos.³⁶

Hobbes responsabiliza os escolásticos também pela perda de credibilidade do clero da Igreja de Roma – bem como sua rejeição na Inglaterra e em parte da cristandade. Segundo Hobbes, isso ocorreu em boa medida porque eles introduziram a filosofia e a doutrina de Aristóteles no interior da religião. Esse fato acarretou o surgimento de uma gama de contradições e absurdos, legando aos religiosos uma reputação tanto de ignorância como de intenção fraudulenta,³⁷ pois eles passaram a usar as palavras com o propósito de “enganar os outros por meio da obscuridade”, discutindo calorosamente sobre questões incompreensíveis.³⁸

É interessante notar que já no primeiro capítulo do *Leviathan* Hobbes apresenta os erros das escolas de Filosofia. Afirma que em todas as Universidades da Cristandade, por basearem-se em

³⁴ Interessa destacar que, apesar das críticas às universidades, Hobbes não pretendia aboli-las, mas reformulá-las de modo que estas passassem a ensinar a verdadeira “ciência”, como se pode ler logo no primeiro capítulo de Hobbes, T. *Leviathan* (I, p. 14).

³⁵ Idem, XLVI, p. 390.

³⁶ Idem, V, p. 35.

³⁷ Idem, XII, p. 77.

³⁸ Idem, X, p. 54.

certos textos de Aristóteles, os escolásticos enganam-se na interpretação acerca da sensação – quando falam de sua origem em *species* visíveis, audíveis, etc. – e de diversas outras coisas. Há muito que corrigir, pois com frequência as escolas de Filosofia utilizam discursos destituídos de significado.³⁹ Elas preferem “palavras que reunidas umas às outras não possuem significação alguma” e, ainda, compreendendo mal essas palavras, as repetem rotineiramente.

Dessa forma, como bem observa Bobbio, a crítica às universidades, onde não há espaço para o que Hobbes considera a verdadeira filosofia e para a geometria, caminha lado a lado com a polêmica antiescolástica e antilivresca, já que elas são “os covis infectados” onde habitam os escolásticos.⁴⁰ Para Hobbes é preciso deixar de fazer “aristotelia” (*aristotelity*),⁴¹ isto é, pensar tendo como parâmetro a autoridade de Aristóteles, e passar a pensar através do método geométrico. Somente assim os homens poderão exercer plenamente a sua capacidade natural de chegar, por suas próprias conclusões, utilizando o raciocínio correto, à compreensão e à transformação de sua realidade. Afinal, “aquele que raciocina corretamente com palavras que entende nunca pode concluir um erro”,⁴² mas para os que têm uma conduta heterônoma, baseando-se nos escritos das autoridades, as palavras se constituem a moeda dos loucos.

Como se pode ver, a hierarquia que determinava quem deveria e quem não deveria possuir a primazia da interpretação de tudo encontra em Hobbes ferrenha oposição. O homem hobbesiano emerge, então, com aquele que por sua própria iniciativa encontra a melhor maneira de chegar a soluções práticas para seus problemas. Ele não precisa mais se submeter às interpretações tradicionais para atingir o entendimento acerca do mundo à sua volta. Cada ser hu-

³⁹ Idem, I, p. 14.

⁴⁰ Bobbio, N. *Thomas Hobbes*, p. 30.

⁴¹ Hobbes, T. *Leviathan*, XLVI, p. 391.

⁴² Idem, IV, p. 28; XLVI, p. 388.

mano pode, individualmente, baseando-se em um método correto de raciocínio, chegar a compreender sua realidade. Mais ainda, pode criar o mecanismo indispensável para superar sua condição natural de infelicidade e miséria: o Estado.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. *Thomas Hobbes*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BONDER, Nilton. *O segredo judaico de resolução de problemas*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Série diversos)

GALILEU. *Ciência e fé*. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1988. (Col. Clássicos da Ciência; v.3).

_____. *O Ensaíador*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

HACKING, Ian. O discurso mental de Thomas Hobbes. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo: Ed. Unesp, 1999, p. 23-32.

HOBBS. *Leviathan*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, c1952. (Série Great books of the western world; v.23) Tradução brasileira: *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, XVI).

_____. *A natureza humana*. Tradução, introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa: Imprensa Nacional/ casa da Moeda.

LANDRY, Bernard. *Hobbes*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1930.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. A carta de Galileu à Grã-Duquesa Cirstina de Lorena. *Discurso*. São Paulo. n. 31, p. 323-328, 2000.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 2004;

RIBEIRO, Renato Janine. *A Marca do Leviatã: Linguagem e Poder em Hobbes*. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 42)

ROVIGHI. Sofia Vanni. *História da Filosofia Moderna*. São Paulo: Loyola, 1999

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. Rev. Técnica: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SPRAGENS, Thomas A. *The politics of motion: The world of Thomas Hobbes*. Lexington University Press of Kentucky, 1973.

STRAUSS, Leo. *The political philosophy of Hobbes. Its basis and its Genesis*. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.

VALLOTA, Alfredo D. Uma interpretacion de la teoria hobbesiana del debilitamiento de la sensacion. *Revista Venezolana de Filosofia*. Caracas, n. 28-29, p. 147-161, 1993.

VAZ, Henrique Claudio Lima. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Edições Loyola, 1991. (Col. Filosofia).